



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

“NÃO HA SEPULTURA ONDE SE NÃO TENHAM ENTERRADO MAIS DE DEZ CADÁVERES”: AS VALAS COMUNS DE ÉPOCA MODERNA DA NECRÓPOLE DO HOSPITAL DOS SOLDADOS (CASTELO DE SÃO JORGE, LISBOA), UMA PRÁTICA FUNERÁRIA DE RECURSO

Carina Leirião¹, Lílíana Matias de Carvalho², Ana Amarante³, Susana Henriques⁴, Sofia N. Wasterlain⁵

RESUMO

Entre os séculos XVI e XVIII funcionaram na Rua do Recolhimento (Lisboa) um Hospital Militar e respetiva necrópole, cuja terceira fase de utilização revelou 18 valas comuns com 69 enterramentos. Os dados de antropologia funerária e paleodemografia foram analisados com o objetivo de perceber a relação entre este ritual funerário e as “pestes” da época. Os indivíduos, compatíveis com uma população militar, estavam maioritariamente inumados em valas com 3 e 4 enterramentos, em decúbito dorsal e orientação O-E/E-O. O espólio era escasso e pessoal. Este ritual parece refletir uma adaptação ao espaço disponível de inumação face ao número de mortes possivelmente causadas pelas “pestes” da época.

Palavras-chave: Práticas funerárias; Enterramentos atípicos; História da Saúde Pública; Epidemias; Hospital Militar.

ABSTRACT

Between the 16th and 18th centuries, a Military Hospital and associated necropolis operated in Rua do Recolhimento, Lisbon, whose third phase of use revealed 18 mass graves with 69 burials. Funerary anthropology and paleodemography data were analysed to understand the relationship between burial traditions and the “plagues” of the time. The individuals, compatible with a military population, were buried in trenches with 3 and 4 burials, in dorsal decubitus and W-E/E-W orientation. The funerary goods were sparse and personal. This ritual seems to reflect an adaptation to the available burial space, given the number of deaths possibly caused by the “plagues” of the time.

Keywords: Funeral practices; Atypical burials; History of Public Health; Epidemics; Military hospital.

1. University of Coimbra, Research Centre for Anthropology and Health, Department of Life Sciences, 3000-456 Coimbra, Portugal / leiriaocarina@gmail.com

2. University of Coimbra, Research Centre for Anthropology and Health, Department of Life Sciences, 3000-456 Coimbra, Portugal / liliana_m_carvalho@yahoo.com.br

3. University of Coimbra, Research Centre for Anthropology and Health, Department of Life Sciences, 3000-456 Coimbra, Portugal / amaranteo@gmail.com

4. EON – Indústrias Criativas / susana79henriques@gmail.com

5. University of Coimbra, Research Centre for Anthropology and Health, Department of Life Sciences, 3000-456 Coimbra, Portugal / sofiawas@antrop.uc.pt

“There is no grave where more than ten corpses have not been buried”: the modern mass graves of the necropolis of Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisbon)

1. INTRODUÇÃO

As práticas funerárias cristãs (e católicas) estão, desde tempos clássicos, genericamente normalizadas (Ariès, 1989). No entanto, as fontes de época e os achados arqueológicos vão confrontando e desafiando essas normas – por exemplo, no recurso canónico à orientação Oeste/Este – sobretudo em épocas de mudança ou atrito social (Rugg, 2000). O recurso à prática de enterramentos múltiplos em época Moderna constitui-se como um desses comportamentos atípicos, embora no contexto europeu seja uma exceção à norma relativamente aceite (Rodrigues, 1990; Lütgert, 2000; Abreu, 2018; Inall & Lillie, 2020).

Os contextos epidémicos exibem várias facetas (médica, social, económica) que, ao interagirem entre si, podem ter um efeito disruptivo sobre os contextos sociais (Lütgert, 2000; Harding, 2002; Crawshaw, 2012; Renshaw, 2016). Uma das consequências da presença de “pestes” ao longo da história da humanidade, mas sobretudo a partir da Idade Média, foi a adoção de “medidas de contenção” num primeiro momento, e de “prevenção”, posteriormente, que precederam as políticas de saúde pública contemporâneas (Cosme, 2014; Sanches, 1756; Soares, 1818). Esta prevenção – um ideal já iluminista – incidia, entre outros tópicos, sobre a arquitetura dos espaços, organização urbanística, aspetos sanitários e de poluição das águas e o “lugar dos mortos”, que posteriormente seria relegado para fora das igrejas, implantando-se os novos cemitérios civis na orla citadina (Christ & Gutiérrez, 2022; Cosme, 2014; Sanches, 1756; Soares, 1818). De forma a abrandar os surtos que assolavam Lisboa na Época Moderna, as normas mais imediatas face a uma “peste” eram a reclusão, o fecho da cidade, o isolamento, seguindo-se a desinfeção das ruas, outrora imundas (Rijo, 2017; Rodrigues, 1990). No século XVI surgiam as primeiras medidas para fazer face a surtos epidémicos, realçando a grandeza da cidade de Lisboa e a sua exposição (e vulnerabilidade) pelas fronteiras tanto marítimas como terrestres, nomeadamente a criação de cartas de saúde e o estabelecimento de quarentenas, tanto de pessoas como de embarcações ou bens, no Lazareto da Trafaria (Rodrigues, 1990; Abreu, 2018).

Estas medidas eram frequentemente emanadas por ordem régia, mas a sua execução e vigilância estariam sobretudo assentes nas administrações municipais (Cosme, 2014; Rijo, 2017).

Embora as práticas funerárias conservadoras (ou seja, canonicamente aceites) estivessem enraizadas na comunidade, em certas alturas de maior tensão, nomeadamente crises de mortalidade, podiam adquirir um carácter pragmático, enquadrado por medidas sanitárias em torno da crença nos “miasmas” (Christ & Gutiérrez, 2022; Inall & Lillie, 2020; Rugg, 2010; Sanches, 1756), nomeadamente enterramentos múltiplos em valas comuns, uso intensivo do interior das igrejas, recurso a outras igrejas e adros fora das paróquias, entre outras (Lütgert, 2000; Rugg, 2010; Rijo, 2017). Para a Grande Peste de 1569 em Lisboa, Rijo (2017, p.112) fez notar ser “*necessário sagrar todo o tipo de terrenos, monturos, olivais e praias até ao Campo da Forca para enterrar os mortos nas suas sepulturas, abrindo covas grandes onde se lançavam trinta a quarenta cadáveres*”. Rijo (2017, p.113) também descreveu o que se passaria na freguesia do Lumiar durante a peste de 1568, “*Aproveitaram-se para a inumação dos cadáveres todos os cantos disponíveis no interior da igreja de N. Sra da Luz, nas capelas de Santa Brígida e de S. Valentim e no adro da paróquia. Apesar da desorganização social e com a população mais reduzida, o pároco ainda manteve alguns traços de normalidade ao processar no livro o registo do sacramento como a indicação de condição social, deixando bem expressa a importância do morto pela localização da sepultura, que variava entre o púlpito, a pia baptismal, o cepo, a pia de água benta, junto a todas as portas e junto às grades*”.

As escavações arqueológicas na Rua do Recolhimento (Lisboa, Castelo de São Jorge) comprovaram a existência de um edifício de carácter hospitalar, que terá funcionado entre finais do século XVI e inícios do XVII e que subsequentemente terá sido transformado numa necrópole com seis fases de utilização (Figura 1). O Hospital de São Filipe e Santiago (Hospital dos Soldados), posterior ao primeiro (supramencionado), contemporâneo da necrópole, esteve em funcionamento desde finais do século XVI até ao terramoto de 1 de novembro de 1755 (Gaspar & Gomes, 2005; Henriques et al., 2020; Henriques, no prelo).

Tendo em conta os vestígios funerários identificados na necrópole da Rua do Recolhimento, neste artigo, pretende-se refletir sobre o impacto que as epide-

mias podem ter tido nos comportamentos funerários na Lisboa Moderna e na opção por enterramentos fora da norma, neste caso múltiplos, aliando à informação proveniente da bioarqueologia as fontes bibliográficas de época.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A Fase 3 da necrópole, associada ao Hospital dos Soldados (Leirião, 2021), foi constituída (e utilizada) no século XVII e é composta exclusivamente por valas de enterramentos múltiplos (18 valas num total de 69 esqueletos).

Os dados relacionados com a Antropologia Funerária (orientação, tipo de enterramento, uso de caixão ou sudário, existência de espólio e tafonomia) foram recolhidos em campo e anotados nas respetivas fichas de enterramento.

Em laboratório, todos os ossos foram limpos e marcados, tendo sido preenchida uma ficha de limpeza para cada indivíduo. Nesta, foram anotados os ossos e dentes presentes, ausentes e fragmentados, bem como as alterações tafonómicas. Após a limpeza, procedeu-se à análise do material osteológico que foi auxiliada por duas fichas de registo, uma para não adultos e outra para adultos.

Na caracterização paleodemográfica da amostra, foram aplicados métodos de estimativa da idade à morte com base no crescimento e desenvolvimento do esqueleto, para não adultos (Scheuer & Black, 2000; Ubelaker, 1989), e nas alterações degenerativas, para os adultos (Buckberry & Chamberlain, 2002; Suchey-Brooks, 1990). Para além dos já referidos, foram aplicados os métodos de Albert e Maples (1995) para a fusão do anel ventral das vértebras e Black e Scheuer (1996) para a fusão da extremidade distal da clavícula. Na análise da idade à morte, os indivíduos foram divididos apenas em não adultos e adultos, sendo esta separação feita com uma idade à morte de 20 anos. A estimativa sexual dos adultos realizou-se com métodos morfológicos (Buikstra & Ubelaker, 1994; Bruzek, 2002; Ferembach et al., 1980) e métricos (Wasterlain, 2000).

Na análise paleopatológica, as observações macroscópicas do material osteológico foram seguidas pela descrição detalhada das lesões identificadas e respetivo diagnóstico diferencial (Leirião, 2021). Neste estudo pesquisaram-se apenas lesões traumáticas e alterações do perióstio.

Os dados foram analisados através de estatística des-

critiva com recurso ao programa IBM®SPSS®Statistics v.20. Complementarmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre fontes de época acerca dos surtos epidémicos e comportamentos funerários em Lisboa.

3. RESULTADOS

3.1. Ritual funerário

As inumações encontravam-se em valas escavadas no sedimento, com cerca de 2 por 1,5 metros, que comportavam entre 3 e 4 enterramentos. As deposições ocorreram umas sobre as outras, normalmente intercaladas em termos de orientação e nunca totalmente sobrepostas (Figura 2). Esta intercalação é notória na divisão quase igualitária das orientações das inumações (49,2% O-E e 50,8% E-O). Não foi detetado caixão em nenhuma das inumações, incluindo noutras fases da necrópole.

Em termos de representatividade esquelética, cerca de 46,4% (n=32) dos indivíduos foram classificados como excelentes (com mais de 75% das peças ósseas presentes, Figura 3). Estes indivíduos estavam nas valas que se mantiveram relativamente intactas até à sua escavação. No que respeita à preservação, apenas 5,8% (n=4) dos enterramentos apresentaram preservação excelente (acima dos 75%), sendo que 72,5% dos indivíduos possuíam o a 50% das peças ósseas relativamente preservadas. A utilização da cal foi detetada em mais de metade das inumações (73,9%, n=51), sendo provavelmente colocada sobre as valas, eventualmente antes da colmatação com sedimento, e não sobre os enterramentos, depositando-se de forma desigual sobre cada indivíduo.

A grande maioria das posições de enterramento eram em decúbito dorsal (97,1%, n=66). Os dois únicos decúbitos laterais (2,9%) pareciam ser uma ligeira adaptação ao espaço disponível para a inumação, sendo a flexão apenas ao nível do tórax e não dos membros inferiores. Já as posições do crânio apresentavam uma grande variabilidade, eventualmente refletindo as normas de deposição mas também fatores pós-deposição relacionados com o processo de decomposição, já que quando um indivíduo é inumado em sudário (uma possibilidade no contexto analisado) o crânio possui alguma mobilidade (Figura 4). O mesmo se passava com os membros superiores, embora com uma predominância de deposição em flexão (64,3%, n=36) sobre o tórax e região abdominal. Os membros inferiores encontravam-se

maioritariamente em extensão (87,7%, n=50) e os pés em paralelo (92%, n=34), deposições regulares em época moderna (Figura 5).

A maioria do espólio identificado na necrópole remetia para o espólio votivo (contas de terço/rosário, medalhas religiosas e crucifixos). Contudo, nas valas múltiplas este espólio estava ausente, registrando-se unicamente a presença de espólio de adorno/vestuário, nomeadamente pulseiras (n=4) ou correntes (n=2), seguidos de botões (n=2). Os cinco pregos identificados nestes contextos fariam provavelmente parte do sedimento que cobria as valas e não propriamente das inumações.

3.2. Perfil demográfico

Os indivíduos não adultos formavam a classe etária mais frequente, representando 46% (32/69) das inumações, seguidos dos adultos, que representavam 42% (29/69) da amostra. Nos restantes indivíduos (12%) não foi possível estimar a idade à morte. Nos não adultos, o intervalo etário mais jovem foi de 12-14 anos. Relativamente à estimativa sexual dos indivíduos adultos, 69% (20/29) eram masculinos, 3% (1/29) femininos e os restantes 28% (8/29) de sexo indeterminado devido ao fraco estado de preservação do esqueleto.

A patologia traumática observou-se em 33% (23/69) dos indivíduos da amostra, afetando tanto não adultos como adultos, sendo que 22% (15/69) dos indivíduos sofreram fraturas. Os restantes traumas consistiram na osteocondrite dissecante detetada no talus esquerdo do indivíduo 539 e fusão das falanges intermédias e distais dos pés em seis indivíduos. Foi ainda identificado um indivíduo com uma lesão no crânio, uma linha aberta em forma de “V”. Todos os traumas observados eram ante mortem exceto um que ocorreu na altura da morte (peri-mortem). As fraturas mais frequentes foram nas costelas, tendo sido identificadas em cinco indivíduos. Relativamente às reações do perióstio, verificou-se formação de osso novo do tipo *woven* em 10% (7/69) dos indivíduos da amostra. Esta lesão foi mais frequente na face visceral das costelas (n=4 indivíduos), tíbias e fíbulas (n=2 indivíduos cada). Um indivíduo (nº301) apresentou reação do perióstio nas costelas, tíbias e fíbulas.

4. DISCUSSÃO

A Fase 3 desta necrópole constitui-se assim como um local de enterramento em valas comuns mas, ainda assim, ordenadas. O uso de caixão não foi evidente mas a ausência de sedimento entre os enterramentos sugere a existência de uma barreira física entre cada um deles, por exemplo um lençol ou sudário. A tafonomia atuou sobre o material osteológico de forma diferenciada, sendo que alguns enterramentos estavam francamente completos e bem preservados, mas a maioria tinha problemas de completude ou preservação. Estes valores resultam, sobretudo, de afetações posteriores à cessação de utilização do espaço como necrópole, nomeadamente da construção de uma habitação familiar sobre o local e da presença de raízes e humidade, mas, sobretudo, do uso intenso da cal (Rowbothe et al., 2017). A cal, para além de se manifestar nos tecidos moles, afeta também a preservação das peças osteológicas, tanto pela sua ação ácida, como também por vedar e colmatar a sepultura, mantendo um microambiente húmido (Schotsmans et al., 2012; Schotsmans et al., 2015). Tal prática funerária acabará assim por influenciar muito o potencial de investigação do material osteológico recuperado.

A avaliação do perfil demográfico da amostra osteoarqueológica revelou um contexto muito paradigmático, caracterizando-se os ocupantes das valas múltiplas como indivíduos maioritariamente do sexo masculino, adolescentes e jovens adultos, ainda que incluindo alguns elementos mais velhos. Esta caracterização demográfica assemelha-se a outros contextos funerários militares tanto da frente de batalha (Coughlan & Holst, 2000; Jankauskas et al., 2014) como hospitalares (Boston, 2014; Pomeroy et al., 2018). Os traumas detetados – quase todos fraturas já cicatrizadas, logo antigas – também sublinham a relação destes indivíduos com um meio ativamente exigente se não mesmo fisicamente violento (Jankauskas et al., 2014; Leirião, no prelo). A maior parte dos indivíduos não possuía manifestações de doença ativa no esqueleto. Esta ausência de evidência patológica no osso, que parece sugerir uma causa de morte repentina (Ortner, 2007; Stone & Ozga, 2019), aliada à necessidade de inumar rapidamente um número elevado de gente, numa área relativamente pequena e delimitada, faz crer que na origem das mortes poderia estar um surto epidémico. O espólio funerário, sobretudo de adorno, contradiz

não só um dos propósitos do uso de sudário (a inumação do corpo nu e despojado) (Muiznieks, 2015; Souquet-Leroy, 2015), como também a prática hospitalar, em que ao paciente era dada roupa própria do estabelecimento (Sá, 2010). As pulseiras/correntes localizavam-se maioritariamente do lado esquerdo, junto ao braço ou pulso, com exceção de uma corrente, que estaria junto ao tórax direito. Será difícil não atribuir uma dimensão pessoal a estes objetos que, por alguma razão, não foram removidos do corpo. A corrente junto ao tórax, assim como os botões, poderão estar relacionados com vestuário eventualmente não removido, o que poderá sublinhar o carácter urgente do ato de enterramento.

A Fase 3 da necrópole da Rua do Recolhimento não é a única associada ao Hospital dos Soldados. A relação entre estes dois espaços é anterior e ter-se-á mantido até ao terramoto de 1755. É bastante provável, então, que os indivíduos inumados fossem tratados nesse hospital, como os militares ou presos da Cadeia do Limoeiro (Henriques et al., 2020). Note-se que embora a necrópole exiba seis fases de utilização, apenas a Fase 3 apresentava valas com enterramentos múltiplos. Está-se assim perante um cemitério, local funerário consagrado, gerido pelo poder religioso ou secular, delimitado e com um carácter individual de inumação (Rugg, 2010) que ganhou uma nova (e pontual) faceta com a inumação múltipla numa mesma vala. Esta característica das inumações terá retirado individualidade aos enterramentos e acabado por criar uma disrupção na ordem anterior do cemitério (Rugg, 2010). Ainda assim, no caso da Rua do Recolhimento, o número de inumados por vala é relativamente baixo (3 a 4) e as valas seguem uma organização geométrica, por fileiras. Não é despidiendo supor que existisse um registo individual dos inumados em cada vala. Poder-se-á então dizer que num mesmo espaço foram registados dois rituais funerários diferentes, caracterizando-se a Fase 3 por valas comuns. Tomando a definição de Rugg para as valas comuns⁶, a Fase 3 apresentava algumas singularidades face a outras situações funerárias deste tipo que tornavam o se-

pultamento menos anónimo e mantinham alguma ordem no local funerário. A continuidade do uso do espaço como local de inumação, já depois do evento que deu origem ao número anormalmente elevado e concentrado de mortes da Fase 3, também poderá ter obrigado a alguma organização do local para uso posterior. A alteração na orientação canónica (Este-Oeste/ Oeste-Este) servia provavelmente apenas o propósito de permitir intercalar melhor, num espaço limitado, as inumações umas sobre as outras.

As crises de mortalidade, na Lisboa de época moderna, eram frequentes e de causas diversas (epidemias, fome, guerra ou desastres naturais) (Barbosa & Godinho, 2001; Rodrigues, 1990). Numa consulta da câmara de el-rei D. Filipe III em 1665, estava patente a preocupação com os surtos epidémicos que surgiram em simultâneo com as campanhas da Guerra da Restauração. Alerta-se que um pároco não tinha espaço no adro da igreja para enterrar os soldados vindos da batalha de Vila Viçosa, vítimas de grande “mortandade”. No mesmo documento, também se enunciava que embora as “doenças não são hoje de contágio” rapidamente a situação podia mudar, sendo necessário aplicar medidas de prevenção. Relembra-se mais à frente que em 1663 haviam sido aplicadas medidas de prevenção aos soldados franceses que tinham vindo auxiliar nas fronteiras do Alentejo e que haviam entrado na cidade de Lisboa doentes. Uma dessas medidas era o seu tratamento no Hospital de São João de Deus (Oliveira, 1891). Este hospital era então tido em conta (ou seria mesmo o local de maior relevância) para o tratamento dos soldados doentes que entravam na cidade de Lisboa.

Face ao aumento do número de doentes e consequentemente de mortes era necessário estabelecer medidas de combate à doença que, seguindo a ideia da transmissão miasmática – pelo ar “putrefacto”, “infecto” – tinham uma preocupação com o afastamento (a condução dos doentes para as “casas de saúde” ou hospitais) e o isolamento das pessoas (ou defuntos) portadores da doença (Cosme, 2017; Rijo, 2017; Rodrigues, 1990). Assim, tal como os vivos, e de modo a conter a “peste”, os mortos teriam de ser inumados rapidamente e os seus bens – vestuário, por vezes o interior das casas – queimados (Rijo, 2017). O levantamento bioarqueológico da disposição dos inumados aponta para que os enterramentos ocorressem com recurso a um sudário ou lençol. Sendo assim, teria existido algum pudor (ou medo) em retirar dos defuntos o espólio mais pessoal?

6. “Burial will be either side by side in long trenches, or one on the top of another in deep pit graves. There will be no individual markers, and it may be uncertain who is actually buried there. As a consequence, the site will have minimal internal structure: finding the burial location of a particular person will be impossible” (Rugg, 2010, pp. 268-269).

O parco, mas íntimo (pulseiras, botões) espólio encontrado junto dos inumados nas valas comuns da Fase 3 aponta para uma recusa em eliminar toda a identidade do defunto. Uma nota para o uso da cal. O recurso à cal é uma prática comum em necrópoles de época moderna (sejam em terreiro ou em edifícios, como as igrejas) (Antunes-Ferreira, 2015; Bianucci et al., 2013; Weiss-Krejci, 2011). Esta seria útil nos casos em que se queria acelerar a decomposição dos inumados e combater o cheiro dos cadáveres (Antunes-Ferreira, 2015; Bianucci et al., 2013; Schotsmans, 2013; Weiss-Krejci, 2011). A sua aplicação na necrópole da Rua do Recolhimento não se cinge à Fase 3, mas a frequência com que foi depositada nas valas comuns denota uma “emergência” na eliminação dos cheiros, logo da epidemia, da doença, salvaguardando os vivos das emanções odoríferas dos defuntos (Schotsmans et al., 2012; Schotsmans et al., 2015).

No caso da necrópole do Hospital dos Soldados assiste-se a uma reestruturação do espaço sepulcral e a sua consagração, presente pela identificação de um oratório. Estas alterações aliadas a um contexto de valas múltiplas, alinhadas, sem se cortarem e com cal remetem para crises de mortalidade, mais concretamente surtos epidémicos. A fase seguinte de utilização (Fase 4) consiste exclusivamente em valas duplas. Também neste caso os enterramentos estavam dispostos de forma ordeira, denotando uma preocupação com a gestão do espaço funerário, não perturbando ou cortando as sepulturas da Fase 3, associadas a doenças consideradas contagiosas. Situação semelhante aconteceu no cemitério de St. Bride em Londres, em 1666, após um surto de peste, com enterramentos em valas múltiplas, em que foram colocados cal e um novo depósito de terra para nivelamento do terreno, com a indicação clara que esta ação se destinava a prevenir a reabertura das valas múltiplas (Harding, 1993).

O recurso a valas comuns seria uma medida de saúde pública a que as “pestes” tinham habituado a sociedade europeia moderna (Castex et al., 2007; Castex, 2008; Lütgert, 2000). Ainda que se temesse não receber o rito funerário cristão que garantiria a salvação da alma – extrema-unção, celebração do ofício, inumação em solo sagrado – é notório o esforço, nos enterramentos das valas comuns da Fase 3, em manter a religiosidade na morte. O local era consagrado, tinha gestão religiosa e o ritual funerário teria, pelo menos, sido acompanhado por um membro

da Igreja⁷. Nem sempre, em situações de “peste”, se nota esta preocupação com os defuntos, podendo as valas comuns incluir dezenas ou mesmo centenas de indivíduos (Lütgert, 2000). Embora o livro de óbitos do Hospital dos Soldados se tenha perdido, é possível que o assento do falecimento tenha sido registado, não faltando as missas em honra da alma do defunto (Rijo, 2017).

5. CONCLUSÕES

O estudo mais atendo da Fase 3 da necrópole da Rua do Recolhimento, com o recurso a valas comuns, ao contrário de a revelar como um caso excecional inseriu-a nas práticas funerárias europeias da época. Constatou-se que, na Lisboa moderna, a prática de inumações múltiplas com orientações atípicas era provavelmente uma medida de recurso quando se tinha de proceder ao sepultamento de uma quantidade anómala de cadáveres acometidos por “pestes”. Esta prática seria considerada socialmente aceite quando era urgente inumar vários corpos, num espaço limitado e longe “dos vivos”.

O quadro que se apresenta é elucidativo de um século marcado por várias crises de mortalidade, tanto relacionadas com a peste, como com a febre tifoide, varíola, ou outras epidemias não identificáveis, e fome, a que, no caso dos militares, não seria alheia a Guerra da Restauração. O estudo da necrópole do Hospital dos Soldados evidenciou uma realidade frequentemente mencionada nas fontes de época, mas relativamente rara em contextos arqueológicos da Lisboa Moderna, as valas comuns.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem o apoio da empresa EON- Indústrias Criativas e do CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. A coautora Sofia N. Wasterlain foi financiada por fundos nacionais pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, sob o

7. Decreto de 24 de Março de 1661, Despacho Régio de 25 de Janeiro de 1662 e Decreto de 28 de Novembro de 1663 in: Oliveira (1891) Elementos para a História do Município de Lisboa, vol. VI, p. 244, 331 e 466, em que o Prior de Santa Cruz do Castelo requer o pagamento do “sepulcro e da cera que se administra no sacramento” dos soldados do terço alojados no Castelo de São Jorge. Livro de óbitos da Freguesia do castelo (1708-1748) (<https://digitalr.arquivos.pt/viewer?id=4814226>).

projeto com a referência UIDB/00283/2020. A coautora Liliana Matias de Carvalho foi financiada por fundos nacionais e europeus pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia sob a bolsa de doutoramento com a referência SFRH/BD/144136/2019.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Laurinda (2018) – A luta contra as invasões epidémicas em Portugal: políticas e agentes, séculos XVI-XIX. *Ler História*, 73, pp. 93-120. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.4118>.

ALBERT, Arlene Midori; MAPLES, William Ross (1995) – Stages of epiphyseal union for thoracic and lumbar vertebral centra as a method of age determination for teenage and young adult skeletons. *Journal of Forensic Sciences*, 40, pp. 623-633.

ANDRADE, Faria de (1954) – A freguesia de Santa Cruz da Alcáçova de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

ANTHONY, Sian (2015) – Hiding the body: ordering space and allowing manipulation of body parts within Modern cemeteries. In TARLOW, Sarah, ed. – *The archaeology of death in post-medieval Europe*. De Gruyter Open, pp. 170-188.

ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2015) – *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Pós-Medievais Portuguesas: Os Casos de Nossa Senhora da Anunciada e Espírito Santo*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Especialidade em Antropologia Biológica e Etnoecologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2005) – Hospitais Reais. In CAPELA, José Viriato, ed. – *As freguesias do Distrito de Viana do Castelo na Memórias Paroquiais de 1758*. Alto Minho: Memórias, História e Património, Braga, Casa Museu de Monção/Universidade do Minho, pp. 651-652.

ARIÉS, Philippe (1989) – *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema.

BARBOSA, Maria Hermínia Vieira; GODINHO, Anabela de Deus (2001) – *Crises de mortalidade em Portugal desde meados do século XVI até ao início do século XX*. Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade.

BIANUCCI, Raffaella; BENEDICTOW, Ole Jorgen; FORNACIARI, Gino; GIOFFRE, Valentina (2013) – Quinto Tiberio Angelerio and new measures for controlling plague in 16th-century Alghero, Sardinia. *Emerging Infectious Diseases*, 19, pp. 1478-1483.

BLACK, Sue; SCHEUER, Louise (1996) – Age changes in the clavicle: from the early neonatal period to skeletal maturity. *International Journal of Osteoarchaeology*, 6, pp. 425-434.

BORGES, Augusto José Moutinho (2007) – *Os reais hospitais militares em Portugal administrados e fundados pelos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus 1640-1834*. Dissertação de

Doutoramento em História Das Ciências da Saúde. Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

BOSTON, Ceridwen Victoria (2014) – The value of osteology in an historical context: a comparison of osteological and historical evidence for trauma in the late 18th to early 19th century British Royal Navy. Doctoral thesis of Philosophy. Oxford: University of Oxford.

BOYLE, Angela (2015) – Approaches to post-medieval burial in England: past and present. In TARLOW, Sarah, ed. – *The archaeology of death in post-medieval Europe*. De Gruyter Open, pp. 39-60.

BRUZEK, Jaroslav (2002) – A method for visual determination of sex using the human hip bone. *American Journal of Physical Anthropology*, 117, pp. 157-168.

BUCKBERRY, Jo L.; CHAMBERLAIN, Andrew T. (2002) – Age estimation from the auricular surface of the ilium: A revised method. *American Journal of Physical Anthropology*, 119, pp. 231-239.

BUICKSTRA, Jane Ellen; UBELAKER, Douglas H. (1994) – *Standards for data collection from human skeletal remains: Proceedings of a seminar at the field museum of Natural History*. Arkansas Archaeological Survey Research Series; 44. Fayetteville, AR: Arkansas Archeological Survey. CABAÇO, Patrícia Gonçalves (2009) – *Cemitérios municipais de Lisboa: estratégias de articulação entre Thanatos e Pólis*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Lisboa: Instituto Superior Técnico de Lisboa.

CANNON, Aubrey (2002) – Spatial Narratives of Death, Memory, and Transcendence. *Achaological papers of the American Anthropological Association*, 11, pp. 191-199.

CARREIRA, Adélia Maria Caldas (2012) – *Lisboa de 1731 a 1833: da desordem à ordem no espaço urbano*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte. Lisboa: Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

CARVALHO, Hugo Pereira de (2012) – *A inclusão do cemitério no espaço da cidade*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa.

CASTEX, Dominique; BRUZEK, Jaroslav; VELEMÍNSKY, Petr; SELLIER, Pascal (2007) – *Epidemic Mortality Crises of the Past: Bioarchaeological Approach*. Slovenská Antropológia, 10, pp. 6-13.

CASTEX, Dominique (2008) – Identification and Interpretation of Historical Cemeteries Linked to Epidemics. In RAOULT, Didier; DRANCOURT, Michel, eds. – *Paleomicrobiology: Past human infections*. Berlin: Springer-Verlag, pp. 23-48.

CHAPMAN, Robert (2003) – Death, society and archaeology: the social dimensions of mortuary practices. *Mortality*, 8, pp. 305-312.

- COSME, João (2014) – A consciência sanitária em Portugal nos séculos XVIII-XIX. *CEM – Cultura, Espaço e Memória*, 5, pp. 45–62.
- COUGHLAN, JENNIFER; HOLST, Malin (2000) – Health status. In BOYLSTON, Anthea; KNÜSSEL, Christopher, eds. – *Blood Red Roses: The Archaeology of a Mass Grave from the Battle of Towton AD 1461*. Oxford: Oxbow Books, pp. 60–76.
- CRAWSHAW, Jane L. Stevens (2012) – *Plague hospitals. Public health for the city in early modern Venice*. Londres: Routledge Taylor & Francis Group.
- CHRIST, Martin; GUTIÉRREZ, Carmen González (2022) – Introduction: death and the city in premodern Europe. *Mortality*, 27, pp. 129–143.
- FEREMBACH, Denise; SCHWINDEZKY, I.; STOUKAL, M. (1980) – Recommendation for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution* 9, pp. 517–549.
- FRANÇA, José Augusto (2008) – *Lisboa: história física e moral*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2005) – O Hospital de São João de Deus no Castelo de São Jorge – Vestígios Arqueológicos. *XVI Colóquio de História Militar: O Serviço de Saúde Militar na comemoração do IV centenário dos Irmãos Hospitalários de São João de Deus em Portugal*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, pp. 863–889.
- HARDING, Vanessa (1993) – Burial of the plague dead in early modern London. In Champion, Justin A., ed. – *Epidemic disease in London*. Londres: Centre for Metropolitan History, pp. 53–64.
- HENRIQUES, Susana; CARVALHO, Liliana M.; AMARANTE, Ana; WASTERLAIN, Sofia Neto (2020) – A necrópole do hospital militar do castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de época Moderna. *III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1949–1961.
- INALL, Yvonne; LILLIE, Malcolm (2020) – Meaning and mnemonic in archaeological studies of death. *Mortality*, 25, pp. 7–24.
- JANKAUSKAS, Rimantas; MILIAUSKIENĖ, Zidrunė; KUNCEVICIUS, Albinas (2017) – Paleopathology of German military hospital remains from 1915–18. In KNÜSSEL, Christopher; SMITH, Martin, eds. – *The Routledge handbook of bioarchaeology of human conflict*. London: Routledge Taylor & Francis Group, pp. 602–620.
- LEIRIÃO, Carina (2021) – Real Hospital de São João de Deus do Castelo, Análise de uma série osteológica moderna da Rua do Recolhimento, Lisboa, Portugal, Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- LEIRIÃO, Carina; CARVALHO, Liliana M.; HENRIQUES, Susana; GASPAR, Rosa R.; AMARANTE, Ana; WASTERLAIN, Sofia N. (no prelo) – A possible fall: two fractures in a young adult male from modern Lisbon, Portugal (17th–18th centuries). *Actas del XVI Congreso Nacional e Internacional de Paleopatología*. Girona.
- LÜTGERT, Stephan A. (2000) – Victims of the Great Famine and the Black Death?: the archaeology of the mass graves found in the former Graveyard of the Holy Ghost Hospital, Lubeck (N. Germany), in the European context. *Hikuin*, 27, pp. 255–255.
- MENDES, Raul de Moura (2013) – *A Devoção às Almas do Purgatório na Arte Azulejar de Coimbra Fé, Piedade e Emoção Estética*. Dissertação de mestrado em História de Arte, Património e Turismo Cultural. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- MUIZNIEKS, Vitolds (2015) – The co-existence of two traditions in the territory of present-day Latvia in the 13th–18th centuries: burial in Dress and in a Shroud. In TARLOW, Sarah, ed. – *The archaeology of death in post-medieval Europe*. De Gruyter Open, pp. 88–110.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1891) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Vol. VI. Lisboa: Typographia Universal.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de (1896) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Vol. IX. Lisboa: Typographia Universal.
- ORTNER, Donald (2007) – Differential Diagnosis of Skeletal Lesions in Infectious Disease. In PINHASI, Ron; MAYS, Simon, eds. – *Advances in Human Palaeopathology*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Ltd, pp. 191–214.
- POMEROY, Emma; GRANT, Jennifer; WARD, Devin; BENADY, Sam; REINOSO DEL RÍO, Ma Cristina; GUTIERREZ LÓPEZ, José Ma; MATA ALMONTE, Esperanza; RAMÍREZ LEÓN, Jorge; COBOS RODRÍGUEZ, Luis; FINLAYSON, Geraldine; FINLAYSON, Stewart; FINLAYSON, Clive; LANE, Kevin (2018) – Death in the sun: the bioarchaeology of an early post-medieval hospital in Gibraltar. *Post-Medieval Archaeology*, 52, pp. 239–255.
- RENSHAW, Layla; POWERS, Natasha (2016) – The archaeology of post-medieval death and burial. *Post-Medieval Archaeology*, 50, pp. 159–177.
- RIJO, Delminda Maria Miguéns (2017) – A envolvente da morte no contexto das crises de mortalidade em Lisboa (2.^a metade do séc. XVI – inícios do séc. XVII). *História: revista da FLUP*, IV série, vol. 7, pp. 98–119.
- RODRIGUES, Teresa (1990) – *As Crises de Mortalidade em Lisboa (séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ROWBOTHAM, Samantha K.; BLAU, Soren; HISLOP-JAMBRICH, Jacqueline (2017) – Recording skeletal completeness: a standardized approach. *Forensic Science International*, 275, pp. 117–123.
- RUGG, Julie (2000) – Defining the place of burial: what makes a cemetery a cemetery? *Mortality*, 5, pp. 259–275.

SÁ, Isabel dos Guimarães (2010) – Os espaços de reclusão e a vida nas margens. In MATTOSO, José; MONTEIRO, Nuno Gonçalo, eds. – *História da Vida Privada em Portugal: a Idade Moderna*. Maia: Círculo de Leitores e Temas e Debates, pp. 276-299.

SANCHES, António Ribeiro (1756) – *Tratado de conservação da saúde dos povos*. Paris: Bonardes e du Beux.

SCHEUER, Louise; BLACK, Sue (2000) – *Developmental Juvenile Osteology*. Amesterdão: Elsevier Academic Press.

SCHOTSMANS, Eline M. J; DENTON, John; DEKEIRSSCHIEETER, Jessica; IVANEANU, Tatiana; LEENTJES, Sarah; JANAWAY, Rob C.; WILSON, Andrew S. (2012) – Effects of hydrated lime and quicklime on the decay of buried human remains using pig cadavers as human body analogues. *Forensic Science International*, 217, pp. 50-59.

SCHOTSMANS, Eline M. J. (2013) – *The effects of lime on the decomposition of buried human remains. A field and laboratory based study for forensic and archaeological application*. Doctoral thesis of Philosophy. Bradford: University of Bradford.

SCHOTSMANS, Eline M. J; VIJVER, Katrien Van de; WILSON, Andrew S.; CASTEX, Dominique (2015) – Interpreting lime burials. A discussion in light of lime burials at St. Rombout's cemetery in Mechelen, Belgium (10th-18th centuries). *Journal of Archaeological Science: Reports*, 3, pp. 464-479.

SILVA, Augusto Vieira (1937) – *O Castelo de S. Jorge em Lisboa: estudo histórico-descritivo*. 2ª Edição. Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade.

SOARES, José Pinheiro de Freitas (1818) – *Tratado de polícia médica*. Lisboa: Academia Real de Ciências.

SOUQUET-LEROY, Isabelle; RÉVEILLAS, Hélène; CASTEX, Dominique (2015) – The impact of epidemics on funerary practices in Modern France (16th-18th centuries). In TARLOW, Sarah, ed. – *The archaeology of death in post-medieval Europe*. De Gruyter Open, pp. 61-87.

STONE, Anna C.; OZGA, Andrew T. (2019) – Ancient DNA in the Study of Ancient Disease. In BUIKSTRA, Jane Ellen, ed. – *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*, 3ª Edição. Londres: Academic Press, pp. 183-210.

SUCHEY, Judy Myers; BROOKS, Alison (1990) – Skeletal age determination based on the os pubis: a comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution*, 5, pp. 227-238.

UBELAKER, Douglas (1989) – *Human skeletal remains: Excavations, analysis, interpretation*. 2ª edição. Washington: Taraxacum.

WASTERLAIN, Sofia Neto (2000) – *Morphé: Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do museu antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Universidade de Coimbra.

WEISS-KREJCI, Estella (2011) – The formation of mortuary deposits: implications for understanding mortuary behavior of past populations. In AGARWAL, Sabrina; GLENCROSS, Bonnie, eds. – *Social Bioarchaeology*. Chichester, UK: Wiley-Blackwell, pp. 68-106.



Figura 1 – Localização do primeiro Hospital dos Soldados e cemitério (vermelho) e do segundo Hospital (azul) na cartografia de Tinoco de 1650 (in: <https://websig.cm-lisboa.pt/>).



Figura 2 – Vista geral da vala comum 1. Os indivíduos destacados a laranja, azul, verde e amarelo encontram-se depositados com a cabeça e pés intercalados.

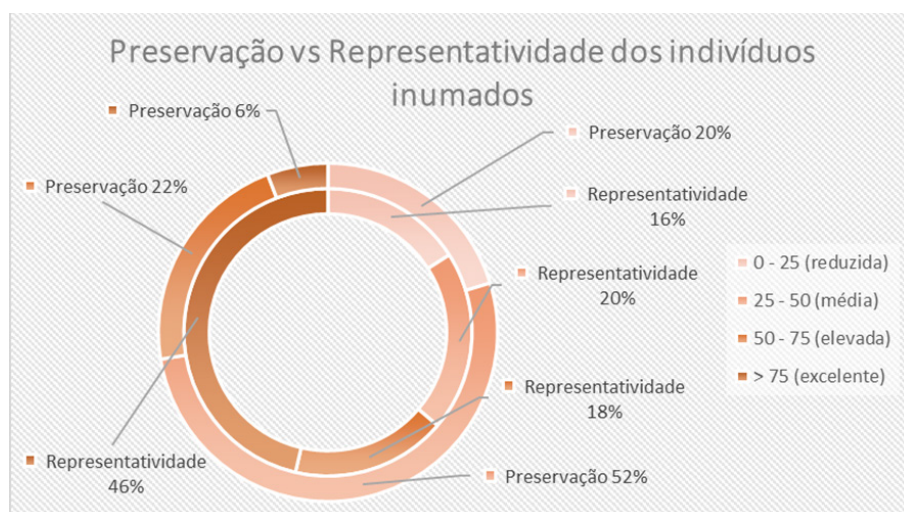


Figura 3 – Percentagem de preservação e representatividade dos indivíduos presentes nas valas comuns.

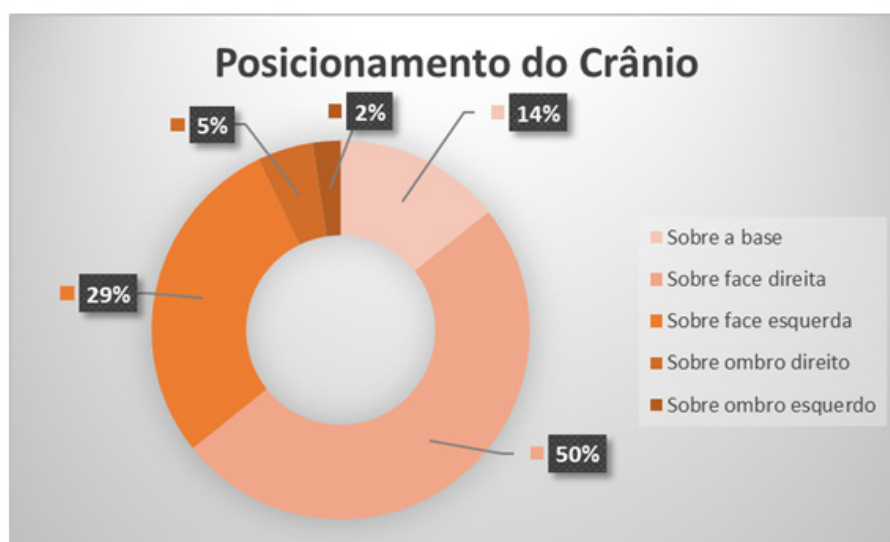


Figura 4 – Posicionamento do crânio nos enterramentos das valas comuns.

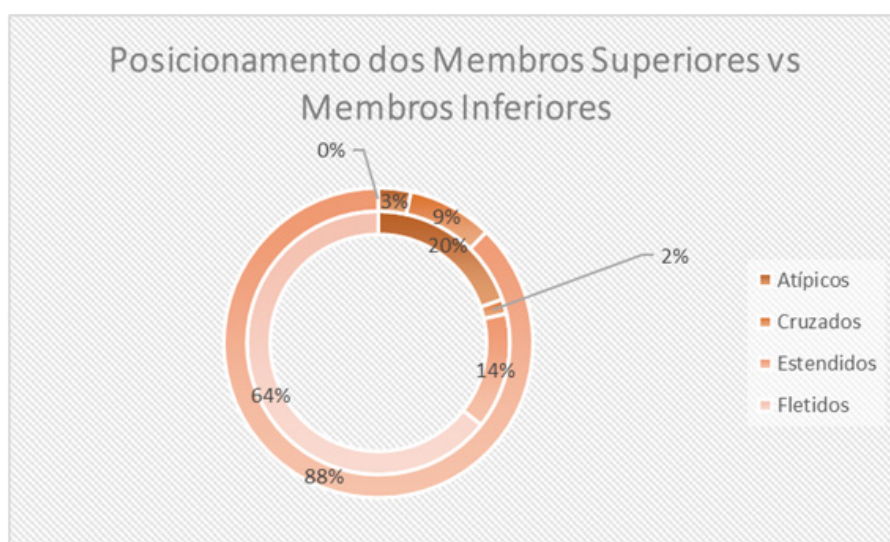


Figura 5 – Posicionamento dos membros superiores e inferiores nos enterramentos das valas comuns (anel interior – membros superiores; anel exterior – membros inferiores).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UL
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**